

UMA «IRMANDADE» VOLANTE DO SÉCULO XVIII O FOLHETO «LÁGRIMAS DAS ALMAS» *

O Concílio de Trento, na sessão XXV, 1563, proclama a existência do Purgatório e a eficácia do Purgatório e a eficácia do sufrágio pelos defuntos. Embora esta concepção atravesse toda a história da Igreja desde os seus primórdios, as contestações da Reforma, nomeadamente de Lutero, levaram os Padres Conciliares a reafirmar a veracidade do Purgatório, instituindo o dogma de fé, por decreto publicado em 1580.

«*Praecepta Sanctae Synodus Episcopis ut Sanam de Purgatorio doctrinam, à Sanctis Patribus et Sacris Concilijs traditam, à Christi fidelibus credi, teneri, doceri et ubique praedicari diligenter studeant*»¹. O documento exorta, como se vê, à pregação e catequização do tema. Em consequência, o apostolado post-conciliar insufla uma nova vida nas práticas da oração pelas almas do Purgatório. Na tentativa de animar a consciência católica e despertar a piedade nos fiéis, a Igreja promove certas devoções, na sua maioria anteriores a Trento, mas que ganham amplitude desde finais do século XVI e séculos seguintes, sobretudo no que Pierre Chauvu denominou a «cristandade latina». Entre elas, avulta, como sugerimos, a das almas do Purgatório.

Em plena época «barroca» dá-se grande apreço ao sentimento devoto de expressão forte e é usual recorrer a formas sugestivas e elaboradas para influenciar, comovendo, os fiéis. Tornam-se mais abundantes os livros de orações, especialmente depois de 1650, e outros pequenos produtos de imprensa: estampas, pagelas, folhas volantes².

Em Portugal, onde o chamado período «barroco» abrange um largo arco que vai desde os anos 20 do século XVII mesmo até fins do século XVIII, as expressões pias revestem o tom usual da época e, entre elas, naturalmente, as que dizem respeito às almas do Purgatório. Era esta uma devoção que, entre nós, como noutros países, remontava a tempos pré-conciliares; o movimento doutrinário da Contra-Reforma vai reanimar e fomentar essas práticas religiosas, encontrando nas nossas gentes um grande acolhimento quer a nível popular quer erudito, nos meios urbanos e rurais. Em Lisboa, em finais de seiscentos, temos o exemplo de um leigo que se destaca numa zelosa pastoral em favor das almas do Purgatório: Luís Álvares de Andrade, (1550-1631). Homem de fé intensa, pintor de modestas qualidades, através da sua arte, procura divulgar as orientações do Concílio de Trento no que respeita ao Purgatório³. O que em

* Comunicação feita no Instituto de Cultura Portuguesa (FLUP) em Dezembro de 1991.

¹ VACANT, A.; MANGENOT, E. — *Dictionnaire de Théologie Catholique*. Tomo 13, 1ère partie — Purgatoire, pp. 1163-1280, Paris, s/d.

JEDIN, Hubert — *Manual de la Historia de la Iglesia*, Barcelona, 1972, Tomo V, pp. 94-105.

² AMON, Karl — *El culto, la pastoral y la piedad*, in «História da Igreja Católica», Barcelona, 1989, pp. 628 e seguintes.

³ GONÇALVES, Flávio — *Os Painéis do Purgatório e as Origens das «Alminhas» Populares*, in «Boletim da Biblioteca Municipal de Matosinhos», Matosinhos, 1959, pp. 92-95-97.

Luís Álvares de Andrade, chamado o «Pintor Santo», é o autor das tábuas a óleo, representando as almas no meio das chamas, que mandou pendurar pelas portas da cidade e lugares públicos com a legenda: «Irmãos lembrai-vos das almas que estão no Purgatório com hum Pater Noster e Avé Maria».

particular interessa ao nosso trabalho é o caso do dito Luís Álvares de Andrade ter mandado imprimir «Mais de vinte mil papéis com a oração do Santo Sudário, e Indulgência do Papa Clemente VII, que distribui pelo reino e fora dele, procurando por esta via despejar o Purgatório, recitando-se em graça»⁴. Importa sublinhar o recurso à folha volante para espalhar a devoção às almas, já que irá ter continuidade no século seguinte, como iremos ver.

Em setecentos, a devoção às almas alcança uma dimensão extraordinária, no nosso país. As igrejas, de Lisboa ao Minho, ostentam retábulos consagrados às almas; nas encruzilhadas e paredes multiplicam-se os nichos das «alminhas»; crescem as Confrarias das Almas com a aprovação eclesiástica e as cerimónias religiosas ligadas ao sufrágio pelos que penam no fogo do Purgatório; numerosíssimas preces e jaculatórias entram a fazer parte do devocionário quotidiano das nossas gentes; implora-se e agradece-se uma esmola «pelas alminhas de quem lá tem», «pelo amor de Deus e das Almas do Purgatório», «pela sua saúde e pelas alminhas dos seus». O argumento entra mesmo na poesia e música populares: nas toadas lúgubres dos «encomendadores de almas», em quadras soltas repletas de saudades pelos que partiram e de piedade pelas suas almas sofredoras⁵.

Em todo este contexto, natural seria também que se imprimissem obras sobre o assunto e circulassem pagelas e folhetos a alimentar essa prática religiosa⁶. Estamos em presença dum desses exemplares, do séc. XVIII. Trata-se duma raríssima folha volante de que não conseguimos localizar qualquer outra cópia.

A folha em causa, provavelmente, foi herdada por uma família de S. João da Madeira, de parentes clérigos que se refugiaram em sua casa nos tempos conturbados das lutas liberais⁷.

Apresenta-se em bom estado de conservação e tem 25 cm x 35 cm. Foi impressa em Coimbra, na oficina de Luís Seco Ferreira, no ano de 1740. Na Biblioteca Nacional há referência a esta oficina desde 1732 até 1764, com um razoável número de títulos⁸.

Anónima, uma rápida análise leva a concluir que o seu autor (ou autores) pelos conhecimentos doutrinais e literários demonstrados, devia ser eclesiástico — regular ou secular.

Sobressaem de imediato, ao alto e centro da folha, a vinheta e a frase *Lágrimas das Almas*, conjunto expressivo que o torna quase emblemático. A primeira reproduz as almas entre labaredas com os anjos esvoaçando sobre as suas cabeças, tudo rodeado de uma bordadura floral. A iconografia mantém elementos típicos das representações do Purgatório na arte dos fins da Idade Média — o pormenor ígneo, a postura das almas, os anjos que as conduzem à glória e que permitem distinguir que se trata do reino da expiação das faltas e não das penas eternas⁹. Aqui, a pedagogia da imagem forma com a legenda um reclamo perfeito, conjugando com maestria os elementos necessários para impressionar e comover.

Depois da citação latina do Livro de Job, em cursiva, em maiúsculas, bem destacado, o assunto do folheto — *alegre e bem divertida Irmandade, erigida e novamente levantada*. Os

⁴ CARDOSO, Jorge — *Agiologia Lusitano*, Tomo II, Lisboa, 1657, pp. 408.

⁵ CHAVES, Luís — *O Culto das Almas*, no jornal «Novidades», suplemento Artes e Letras, 7 de Novembro, 1937.

Lembramos, já nos nossos dias, a poesia *As Alminhas* do P. Moreira das Neves.

⁶ Lembremos, entre outras: *Socorro das Almas do Purgatório* de Amaro de Reboredo — Lisboa, 1620-1627. *Estado de las Almas del Purgatorio. Correspondencia que hacen a sus bienfactores* de Martin de Rua S. J., Lisboa, 1621, 1624, 1627, 1641; *Devocionário da Virgem N. S. Socorro das Almas do Purgatório* de António Cardoso do Amaral, Lisboa, 1627; *Rosário das Almas do Purgatório* de Nicolau Maria de Azevedo, Lisboa, 1643.

⁷ Informação do P. António Maria Cabral Ferreira S. J. que, gentilmente, nos cedeu o original.

⁸ A oficina operava desde 1710, com o nome de Bento Seco Ferreira. B. N. L. Reservados. Índices.

⁹ Os artistas da Contra-Reforma seguiram, em parte, a tradição das obras anteriores, deixando o tema de constituir um detalhe incluído noutras composições e adquirindo autonomia iconográfica. As características comuns repetem-se independentemente dos lugares a que se destinam ou onde se elaboram. In GONÇALVES, Flávio — *Ob. cit.*, pp. 86-88.

adjectivos *alegre e bem divertida*, em princípio, não se adaptariam nem às *Lágrimas* nem à vinheta e mais pareceriam introduzir uma representação teatral que uma associação piedosa. Todavia, esta era uma fórmula bem corrente na literatura de cordel imprensa em Portugal no século XVIII, mesmo em alguns casos de assunto dramático — *novo e divertido entremez; novo e gracioso entremez*¹⁰. Parece tratar-se do recurso a um modelo expressivo e assaz experimentado com o fim de pressionar à leitura e divulgação da obra.

Segue-se o texto. Destacado, um corpo de sete linhas que indica os objectivos da Irmandade e a sua matriz inspiradora.

Primeiro ponto — Transladar almas do Purgatório para o céu. E bem fácil seria já que *não custa mais que bolir os beijos*.

Segundo ponto — Tal devoção trará duplas vantagens a quem a praticar: *prémio no Tribunal Divino* e intercessores no Paraíso para as súplicas *temporae e espirituas*. Logo se acrescenta — *como consta de hum livrinho de pouco custo com o título Gritos das Almas*. Por conseguinte, o anónimo autor da folha pretende mostrar que quanto pede e promete se baseia em obra a circular livremente, o que pressupunha, ao tempo, as devidas aprovações. Não se remete a obra de grande vulto e preço, nem chama à causa, directamente, qualquer figura de nome da Igreja, apenas um *Livrinho*. Bastaria para os destinatários da folha volante, criando assim a suficiente respeitabilidade e afastando temores e escrúpulos.

Ora, o dito *Livrinho*, é a obra *Gritos das Almas no Purgatório e meios para as aplacar* do aragonês Joseph Boneta y Laplana (1638-1714). Este sacerdote e teólogo deixou várias obras entre as quais, traduzidas em Português, *Gritos do Inferno para despertar o mundo*, (Saragoça, 1705, Lisboa 1715) e *Gritos das Almas...* (Saragoça, 1689; Lisboa, 1702); esta última alcançou grande divulgação. Dela se fizeram 15 edições em castelhano, 14 em Italiano, 1 em Francês, 3 em Português (Lisboa, 1702, Coimbra, 1711; Porto, 1849) e 1 em Chinês¹¹. Quer os *Gritos das Almas*, como os *Gritos do Inferno*, desenvolvem, com matizes vários, o filão tradicional da literatura de «espiritualidade de terror» que passará pelo célebre *Desengano de Pecadores* do Pe Alexandre Perrier e terminará em muitas páginas da *Missão Abreviada para despertar os Descuidados e Converter os Pecadores e sustentar o fruto das Missões* do Pe Manuel José Gonçalves do Couto.

A tradução Portuguesa dos *Gritos das Almas* deve-se ao Pe Manuel de Coimbra, um clérigo do Patriarcado de Lisboa cuja grande actividade entre 1686-1720 como autor e tradutor de «casos» de espiritualidade e hagiografia, fazem dele um bom representante desse período em que a difusão das práticas de oração mental só teve paralelo na reacção a um dos seus propagadores — entendamos Miguel de Molinos.

A licença do Santo Ofício para a edição de 1702, assinada por Francisco de Santa Maria — Fr. Francisco de St.ª Maria, um cônego de S. João Evangelista (Lóios) — autor do *Céu aberto na Terra*, considera a obra «muito doura e a tradução não menos fiel»; o editor do Porto, em 1849, na dedicatória diz que se trata de trabalho «erudito útil e piedoso».

Embora «Livrinho de pouco custo», *Gritos das Almas no Purgatório*, fonte inspiradora da folha que apresentamos, é obra de autor considerado, trabalho que, ao tempo, mereceu apreciação e louvores; atente-se à sua difusão. Por certo tocou profundamente largas camadas de leitores e, então, alguém decidiu criar uma irmandade destinada a prolongar e a tomar ainda

¹⁰ *Catálogos. Literatura de Cordel*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, MCMLXXX.

Neste catálogo a fórmula *novo e divertido entremez* aparece bem 16 vezes e *novo e gracioso entremez*, 20 vezes.

¹¹ In PALAU Y DULCET, Antonio — *Manual del Libro Hispano-Americano*, Barcelona, 1949, pp. 327-328. *Enciclopédia Universal Ilustrada Europeo-Americana*, Madrid-Barcelona, 1910, Vol. VIII, p. 1596.

Outras obras BONETA, Joseph de — *Cursus philosophicus continens sumulas, logicam...* Zaragoza, 1675; *Vidas de Santos y Venerables de la Religion de Nuestra Señora del Carmen de la antigua observancia*. Zaragoza, 1680; *Crisol del Crisol de desengaños*, Zaragoza, 1700.

mais acessível a lição das piedosas orientações do Pe Boneta. No seu livro há um capítulo, *Do proveito da devoção às Almas* em que refere que esta encerra em si todas as virtudes e praticando-as se exercita a fé, a Esperança e a Caridade e todas as obras de Misericórdia e em grau mui heróico¹². Ao rezar pelos mortos caminha-se para uma maior perfeição, enraiza-se a Fé, progride-se na vida da salvação.

Não se esquece o Pe Boneta de dar realce à mutualidade do socorro, num outro capítulo do livro em causa: *Bens deleitáveis que grangea esta devoção*. Afirma, explicando-o, que para conseguir quanto se pretende é mais poderosa a intercepção de uma Alma do Purgatório que a da maior santa do céu¹³. A satisfação de mercês de vária ordem, desde o prolongamento da vida, ao aumento de riquezas, exemplifica-as o Pe Boneta, recorrendo à citação de passos da vida de santos e veneráveis, alguns seus contemporâneos¹⁴.

Outras referências directas e indirectas a Joseph Boneta se podem ainda detectar na folha imprensa. A frase inicial — *Lágrimas das Almas* — responde perfeitamente ao espírito que impregna a obra do sacerdote aragonês. Nos *Gritos das Almas* mira-se ao envolvimento dos fiéis através das emoções provocadas pelo medo, a angústia, a pena¹⁵. Os vivos são responsabilizados pela permanência de familiares e amigos nos tormentos do fogo purificador. As almas gritam, clamam no meio das suas agonias¹⁶. Entre tanta dor, as *lágrimas* são a sua natural manifestação. Não querendo talvez copiar na íntegra, o título do Pe Boneta, a folha usa a expressão *Lágrimas das Almas*. Sugerida, senão mesmo copiada, terá sido a citação latina do livro de Jacob, incluída na obra em causa no capítulo: *Gritos das Almas aos seus inimigos: Bradamos destas enxovias e ninguém nos ouve. Job. 17 — Ecce clamabo vim patiens et nemo audit*¹⁷.

De igual modo, na sua parte final, a página reproduz, mais uma vez, frases dos *Gritos das Almas*; *Excede esta devoção a outras, a qual canoniza literalmente o Espírito Santo, em muitas partes da Escritura, especialmente Machad. 2 Cap. 12 Sancta ergo, et salubris est cogitatio pro defunctis exorare, ut à peccatis salvantur*¹⁸.

De quanto fica dito, parecem bem patentes os nexos entre os *Gritos das Almas* e o folheto, como aliás se depreende logo da parte introdutória do mesmo, como atrás dissemos.

A orgânica da irmandade proposta na folha merece, igualmente, algumas notas. A ela pode pertencer qualquer pessoa sem restrição de sexo, idade ou condição social. A que se obrigam os irmãos? A quando se avistar alguém lhe pedir um P.N. e uma A.M. pelas almas do Purgatório. O Padre Nosso e a Avé Maria, como as orações mais usuais dos crentes, já vinham aconselhados nos citados painéis das almas de Luís Álvares de Andrade, no século anterior. São também a prece mais recomendada pelo Pe Boneta. Os angustiados apelos com que pais, esposos, filhos e amigos terminam os seus *Gritos* suplicam: *rezai-me logo a Oração do Padre Nosso e Avé-Maria. Rezai-nos o credo com a oração de um Padre Nosso e uma Avé-Maria... Ai de mim! Ai, Ai, Ai, Padre Nosso, Avé-Maria*¹⁹.

¹² BONETA, Joseph — *Gritos das Almas do Purgatório e meios para os aplacar*, Porto, 1849, pp. 89-99.

¹³ BONETA, Joseph — *Op. cit.*, p. 113.

¹⁴ BONETA, Joseph — *Ob. cit.* Prólogo VII; pp. 128-139; pp. 284-296.

¹⁵ Mário Martins, na revista «Brotéria», vol. 32, Lisboa, 1941, no artigo *Espiritualidade de cordel* cita umas «Cartas chegadas do Purgatório», folhas que, apesar de não sabermos a data de impressão pelo tom e estilo se aproximam do folheto do século XVIII que apresento.

¹⁶ Note-se quanto Joseph Boneta, ao comprazer-se nas descrições terríficas dos sofrimentos do Purgatório, está bem longe da serenidade com que, por exemplo, uma St.^a Gertrudes de Hefta, ainda editada e citada nos fins do século XVII, se comportava relativamente ao desenvolvimento da devoção às Almas do Purgatório e abordava a importância do sufrágio caritativo. CARVALHO, A. Freitas de — *St.^a Gertrudes de Hefta e Espanha*, Porto, 1981.

¹⁷ BONETA, Joseph — *Ob. cit.*, p. 480.

¹⁸ BONETA, Joseph — *Op. cit.*, p. 48.

¹⁹ BONETA, Joseph — *Ob. cit.* Capítulos: «Gritos das Almas dos maridos a suas mulheres», p. 17; «Gritos das Almas aos que foram seus amigos», p. 35. «Gritos das Almas das mães aos seus filhos», p. 57.

O texto não explicita onde ou quando se deveria dar cumprimento ao pedido do P.N. e A.M.. Imediatamente? Na rua? Em qualquer lugar público? Em casa? Um pouco à frente, o texto diz que o *estilo mais praticado desta devoção é rezar pela manhã, ao meio-dia e às Avé-Marias conforme for o ajuste e a ocasião em que se encontrarem*. Quer dizer, a partir do encontro e da solicitação da reza, institui-se a obrigação diária cujo momento se acertará entre ambos. Há imprecisões que, no entanto, conferem, quase paradoxalmente, ao folheto e logo à devoção que propõe, um carácter de urgência. Qualquer lugar... Todos os lugares... o que importa é rezar, criar o hábito da oração. Pode começar-se a fazê-lo pelas almas do Purgatório, mas entrevê-se que, por detrás desta devoção, se persegue, em concomitância, o enraizamento do que poderia dizer-se uma *ars orandi* mínima quotidiana. Com efeito, todo o fiel, desde o sacerdote e o letrado ao mais humilde e ignorante, podem, com um simples P.N. e uma A.M. sufragar uma alma, trasladá-la ao céu. A finalidade última, repetimos, parece ser a de envolver o maior número possível de pessoas, abranger camadas cada vez maiores da população; não «pregando» uma doutrina, mas insistindo numa devoção que, por sua vez, devia funcionar como uma prática e ajudar a ritmar e comprometer o dia-a-dia. A qualidade poderia ser obtida, até certo ponto, através da quantidade. Erasmo e outros tinham reagido... mas há muito tempo...

Um outro item da folha nos obriga a uma breve reflexão.

Esta forma de Irmandade he meio muy eficaz para desterrar inimizades... A sugestão de que o simples pedido dum P.N. e duma A.M. pelas Almas do Purgatório devia ajudar a *desterrar inimizades* afigura-se ingénua. Não será tanto assim. Dirigir uma palavra a outrem, seja quem for, um inimigo mesmo, pode exigir um grande, por vezes até violento esforço interior de perdão, de misericórdia, de fraternidade. O pedido não se faz sem uma paragem, por breve que seja, mais do que isso, um encontro, em que ambos se identificam na Fé que os une. Assim, o pio conselho do folheto poderá ser olhado, para além do sentido mais imediato e proclamado, como um contributo novo para uma distensão social.

Uma das advertências da folha trata da forma como se deverão distribuir e divulgar os exemplares; que se coloquem nos guarda-ventos das igrejas, bem resguardados de chuvas e vento e se mandem com a correspondência *para estes Reynos e suas conquistas*. Dar cumprimento à difusão dos ditos papéis impressos constitui obrigação grave cuja falta se sujeita a castigo — *mandar dizer ou dizer sendo sacerdote huma Missa pelas Almas*. A amostra pública e o envio com a correspondência para o país e ultramar, constituíam meios correntes de informação e propagação na época e já em tempos anteriores, como vimos. Um grande número de folhas terão sido postas a circular? Quantos destes papéis se encontrarão em velhos arquivos paroquiais, em gavetas de família, no país, nas ilhas, no Brasil? Até ao momento, não conseguimos o menor indício sobre a existência de outros exemplares desta folha ²⁰.

O folheto *Lágrimas das Almas* oferece um interessante exemplo dos métodos da Igreja post-tridentina para proceder a uma «cristianização» em profundidade. Uma simples folha, fazendo apelo ao sentimento devoto, exposta nos guarda-ventos das igrejas, passada de mão em mão, torna-se instrumento adequado para ajudar a atingir esse objectivo. A partir duma prática devocional — a das Almas do Purgatório —, ia-se abrindo estrada para uma solidificação doutrinal e um envolvimento do quotidiano pela oração, para criar legames e hábitos que tornassem cada vez mais difícil o abandono ou a ruptura. A Contra-Reforma, estabilizando fronteiras e princípios, prolonga-se e estende-se por meio de devoções. Devoções que caminhavam espalhadas, até, por folhas volantes como esta.

Maria Gabriela Gomes de Oliveira

²⁰ Na Biblioteca Geral da Universidade de Coimbra e na sala Jorge de Faria da Faculdade de Letras de Coimbra nada consta sob o título «*Lágrimas das Almas alegre e bem divertida Irmandade*». Cf. informação verbal, atenciosamente prestada pelo Exmo. Sr. Doutor José Barata em Julho de 1991.

Nada consta também na Biblioteca Nacional e na Biblioteca Municipal do Porto.

Pelos instrumentos de busca disponíveis não foi possível encontrar qualquer referência no A.N.T.T.

LAGRIMAS

Ecce clamabo vim patiens, & est qui iudicet.

ALEGRE, E BEM

IRMANDADE

EREGIDA, E NOVA



DAS ALMAS

nemo audiet: vocerabor, & noni Job. cap. 17. ver. 7.

DIVERSA

DA DE.

MENTE LEVANTADA

Para remedio eficaz de aliviar as Almas que estão no Purgatorio, e tresladas para o Ceo, com tanta facilidade, que não custa mais que boir com os beijos, e de tanto bem para as Almas, que não he menos que tirallas de hum lugar de tantas penas, para hum de tantas glorias, como he o Ceo, mediante Deos, e os devotos que são instrumentos, certissimo acharão o premio no Tribunal Divino, e as bemditas Almas por oradoras, em todos os seus particulares, assim temporaes, como espirituas, como consta de hum Livrinho de pouco custo, com o titulo de Gritos das Almas, que faz compungir o mais duro coração, ainda que seja de bronze.



NESTA Irmandade se podem, e devem admitir todas as pessoas de hum, e outro sexo, e de qualquer estado, e occupação que seja, para o que em modo de contrato, e ajuste observação a forma seguinte. Qualquer pessoa que primeiro avistar a outra, lhe diga, reze hum Padre nosso, e Ave Maria, pelas Almas do Purgatorio, seja pelo amor de Deos; o estillo mais praticado desta devoção he huma vez pela manhã, outra a meio dia, e outra às Ave Marias, e outras, ou menos conforme for o ajuste, e a occasião em que se encontrarem, e o fruto que se espera he a satisfação.

Pelo amor de Deos, nenhum Irmao, depois de o mandarem rezar seja tão desatento, que diga, (ainda que seja por modo de galantaria,) reze v.m. por que eu não tenho lugar, ou semelhantes graças, pois são de grave consequencia, e satisfação ao que se lhes encarregá com animo alegre, e sincero, mostrando que tem muito gosto, por que neste jogo espiritual, quem mais perde, mais ganha, e se for teimoso seja advertido, e reprehendido pelos Irmaons prudentes, dizendolhe que não queira o com seu mau exemplo frustrar os suffragios das Almas, que os pedem com lagrimas de sangue, *miseremini mei, saltem vos amici mei.* Job.

1 Advertencias: Se ao mesmo tempo dous Irmaons se mandarem rezar juntos devem concluir, e dixerem a contenda, rezando ambos.

2 Se algum Irmao tomar algum destes papeis para o fazer manifesto dará a isso cumprimento com a brevidade possivel, fechando-as nas partes publicas livres de chuvas em lugar alto aonde se não tire facilmente, e o mais proprio lugar, será o guardavento das Igrejas, e o que a isto saltar sem legitima causa, será obrigado a mandar dizer, ou dizer, sendo Sacerdote, huma Missa pelas Almas, por que haverá quem agradeça que tendo hum

Pede pelo amor de Deos, hum Padre N. e Ave M. o devoto que introduz. esta devoção.

papel destes na sua gaveta, tem huma reliquia, o que não deve fazer, por ser em prejuizo do terceiro, e tal terceiro como são as bemditas Almas, que estão padecendo tantas penas.

3 O meio mais acertado para se manifestarem estes papeis, he que qualquer devoto remeta nas cartas que escrever a seus correspondentes para estes Reynos, e suas Conquistas hum, ou mais papeis destes, que o custo he pouco, e fruto será muito. Estes se acharão em Coimbra em casa de Bento de Souza Carneiro, na rua dos Ospateiros.

4 Esta forma de Irmandade he meio muy eficaz para desterrar inimidades, por que com esta politica christa se desvanecem as desconfianças de que ordinariamente resultão os maiores odios, assim o sentem muitos, e graves Authores.

5 Pede-se aos Senhores Reverendos Sacerdotes, Parocos, e Mestres, que ensinao os miñinos, expliquem com charidade, e zello a forma desta Irmandade às pessoas de menos intelligencia, e sejao os primeiros que a pratiquem para que todos o sigão.

6 Irmaons charissimos, mãos à obra, que na consideração, que esta Irmandade he geralmente aceita, parece que com os olhos da consideração vejo treslarem-se as bemditas Almas do Purgatorio para o Ceo, e lirem povoalo, e lá com a mesma consideração estao sollicitando com Deos lugar para os seus devotos.

7 Sejamos constantes na devoção, que he muito do agrado de Deos, e de muita utilidade para as Almas.

Excede esta devoção a outras, a qual canoniza literalmente o Espirito Santo, em muitas partes da Escritura, especialmente Machab. 2. cap. 12. *Sandta ergo, & salubris est cogitatio pro defunctis exorare, ut a peccatis solvantur.*

Demos principio à devoção, com hum P. N. e Ave Maria, e Salve Rainha, seja pelo amor de Deos.